ANO 3.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO DE 1923 N.º 830

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

A PROPOSITO das mutações rapidas e imprevistas que se dão na politica portuguesa, é vulgar falar-se de poderes ocultos que parece transparecerem aqui e acolá—nas palavras e atitudes de uns, no silencio augural de outros.

Existem realmente esses poderes ilegais, mas com mais força que os legais?

Só com factos á vista ou documentos de irrecusavel autenticidade, nos atreveriamos a dar a esta pregunta uma resposta que fosse tão decisiva como afirmativa.

Como ignoramos aqueles e não possuimos estes—eis a razão porque nos mantemos numa prudente expectativa.

* * *

O NOTAVEL homem de sciencia e ilustre director do Instituto de Medecina Legal, cujos trabalhos literarios têm marcado notavelmente tanto no nosso meio como no estrangeiro, acaba de publicar três brilhantes discursos: *Antonio Candido*, oração pronunciada na Faculdade de Medicina; *Luiz Pasteur*, discurso pronunciado na União dos Eengenheiros Catolicos de Portugal e *Augusto Rosa*, alocução proferida na Camara Municipal de Lisboa.

* * *

NO proximo dia 22 de Dezembro, inaugura-se na Sociedade de Belas Artes, uma exposição de arquitetura, escultura, pintura e desenho, promovida pelo grupo dos antigos alunos da Casa Pia de Lisboa, de que fazem parte, Antonio de Couto, Eduardo Romero, Francisco dos Santos, Joaquim Porfirio, José Neto, José de Sousa, Pedro Guedes e Raul Carapinha.

* * *

DUAS filhas de lord Curzon—ladies Irene e Ceynthia — gostam tão pouco da politica conservadora que, nas ultimas eleições, se bateram contra o seu proprio pai.

Quando um estadista não consegue, ao menos, ser um grande homem, no seio da sua familia, só lhe resta um caminho — fazer-se tão grande que um povo inteiro olhe para ele, sem indagar onde é a sua casa e quem nela habita.

* * *

NO Calhariz existe uma estação telegrafo-postal que não regista cartas nem vende selos. Chamamos para o caso a atenção do sr. administrador geral dos Correios e Telegrafos.

* * *

A PASTA da Agricultura será preenchida pelo sr. dr. Joaquim Ribeiro, que, segundo constava hoje nos meios politicos, aceitou o convite que lhe foi feito pelo sr. dr. Alvaro de Castro.

* * *

NO «restaurant» Tavares, realizou-se hoje um almoço de homenagem, oferecido pelos oficiais que constituiram o seu gabinete, ao ministro da Guerra cessante, sr. general Carmona.

* * *

ALMOÇARAM hoje com o sr. presidente da Republica os comandantes srs. Sacadura Cabral, Cisneiros de Faria e o 1.º tenente aviador sr. Ortis de Bettencourt.

* * *

A ENTRADA do sr. Antonio Sergio para o actual ministerio, segundo constava hoje, vai determinar uma scisão no grupo *Seara Nova*.

PALAVRAS NECESSARIAS

O *Diario de Lisboa* publica hoje a conferencia que o sr. Cunha Leal fez, na Sociedade de Geografia, a fim de que possa ser lida e apreciada na sua forma definitiva, evitando-se assim que, ácêrca dela, venham á publico interpretações mais aventurosas que verdadeiras.

Nós nada temos com as ideias expendidas pelo ministro das Finanças do ministerio Ginestal Machado.

Não as defendemos nem as impômos aos outros: limitamo-nos a colocá-las ao alcance de todos que desejem conhecer um assunto que as más paixões vêm deturpando.

As pessoas de categoria mental que, desempoeiradamente, pretendam dizer da sua justiça, discutindo a conferencia, sobretudo nas afirmações reputadas atrevidas, têm as paginas do *Diario de Lisboa* ás suas ordens.

Claro está, exigimos que a linguagem seja não só gramatical, mas educada.

Já mais duma vez dissemos que o nosso jornal só aspira a ser uma tribuna livre para os portugueses que tenham opiniões dignas de uma democracia, onde a liberdade não esteja simplesmente em gestos oratorios e golilhas no pescoço dos adversarios.

Nunca indagámos das convicções politicas de ninguem para que as nossas colunas se lhe abram.

Para o sr. Cunha Leal tinhamos obrigação de não alterar esta norma — e por dois motivos: primeiro, porque não existe na imprensa um orgão que o represente; segundo, porque a sua conferencia marcou um exito tal que mal andariamos, dada a nossa conhecida imparcialidade, não a levando ao conhecimento de tantos que a não puderam ouvir.

Os que nos conhecem sabem como esta explicação é verdadeira.

Se alguem tem interesse em nos atribuir outros intuitos, engana-se.

A orientação do *Diario de Lisboa* depende unicamente do director, e este pertence ao numero dos que não cedem a liberdade do seu espirito e da sua pena seja a troco de todo o ouro do mundo.

Quem afirmar o contrario, mostra pouco respeito pela isenção alheia.

A pobresa é algumas vezes um motivo de orgulho. Para nós assim é.

Na nossa missão de jornalista, temos pedido incançavelmente um governo que governe.

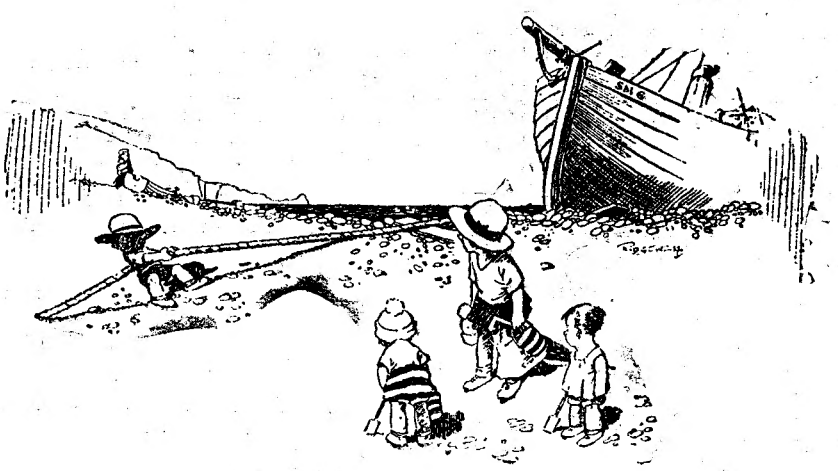
Quando nos satisfaçam este patriotico desejo, estaremos contentes.

Caso o sr. dr. Alvaro de Castro consiga revelar-se á altura da hora que passa, prometemos-lhe, desde já e sem reticencias, um aplauso que nunca concedemos a ninguem.

Sempre tributámos muita consideração ao chefe do actual governo que conta colaboradores como Domingos Pereira, Antonio da Fonseca, Antonio Sergio — para só falarmos dos que conhecemos pessoalmente — que são homens que honram as suas pastas.

Esperamos, porém, que não se deixem vencer pelos acontecimentos que, sem culpa nossa, podem vir a desenrolar-se com precipitação e violencia...

A FISCALIZAÇAO DA PESCA



—Olha o Fernando que traz uma traineira a reboque!...

O tenente-coronel sr. Raul Esteves teve ontem uma demorada conferencia com o general sr. Roberto Baptista, comandante da 1.ª divisão do exercito, a proposito das declarações que aquele oficial fez na imprensa.

Consta que o caso será tratado no Senado pelo general sr. Roberto Baptista, dando completa satisfação ao comandante do regimento de sapadores mineiros.

* * *

DENTRE milhares de livros de versos que se publicam todos os anos, raros são os que conseguem marcar, já não queremos dizer uma promessa, mas uma afirmação literaria. O livro do sr. Manuel Cardona, *Cantares da Serra*, revela-nos um poeta, com o feitio saudosista e lirico da nossa raça.

Publicaremos brevemente algumas das suas lindas poesias.

* * *

ESTA' á venda o numero especial do Natal da revista «De Teatro», o brilhante «magazine» dirigido por Mario Duarte, que se destaca de todas as obras do genero.

Contém, entre muitas gravuras e caricaturas, a peça do dr. Campos Monteiro «O crime de uma mulher honesta» e muita colaboração.

E' um belo volume de perto de 100 paginas.

* * *

APARECEU a terceira edição do livrinho *Caracteristicas da Historia Portuguesa* em que Fidelino de Figueiredo, com a sua fina percepção da nossa historia literaria, fixou a fisionomia e a indole das escolas que renovaram o pensamento nacional. Pertence á Livraria Classica Editora.

* * *

O *Diario do Comercio* — jornal dedicado muito especialmente ao comercio e á industria, vai reap arecer completamente reorganisado nos primeiros dias de Janeiro. E' seu director o antigo jornalista sr. Antonio Santos, que firmou o seu nome em varios jornais.

* * *

CAMPOS Monteiro publicou uma satira politica—*Saude e Fraternidade* ou seja a historia dos acontecimentos politicos em Portugal, desde agosto de 1924 a novembro de 1926, talqualmente deve ser escrita em 1993 por Marcial Jordão e Gil Barbeira.

* * *

JOÃO de Castro escreveu uma tragedia em três actos—*O Clamor* que evoca as sombras e clarões do mar quando os pescadores jogam a vida, sem nunca se deixarem vencer pelo terror das suas procelas. Traz ilustrações de Albert Jourdain. A edição que é primorosa pertence á *Lusitania*.

* * *

A RUSSIA começou a exportar manteiga para Inglaterra. Esta simples noticia leva-nos ao convencimento de que os *soviets* que não puderam conquistar os ingleses com argumentos, acabarão por conseguir o seu intento com torradas.

* * *

A SENHORA D. Fernanda Tavares de Melo publicou um livrinho de versos, *Ilusões minhas*, de uma clara e ingenua inspiração, que denota já excelentes qualidades literarias.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

A CONFERENCIA
do sr. Cunha Leal

Após o discurso de apresentação do conferente, proferido pelo sr. dr. Ginestal Machado a quando o sr. Cunha Leal se preparava para dar inicio ás suas considerações, a um canto da sala algumas dezenas de assistentes ergueram gritos de hostilidade, fracamente correspondidos. Quasi toda a assembleia se ergueu a reclamar ordem, mas foi ainda por entre viva agitação que o ministro das Finanças proferiu as primeiras palavras:

—São assim tantas vezes as vozes da liberdade! (*Muitas palmas*). A liberdade, para alguns portugueses, consiste em abafar as vozes que querem falar livremente! (*Voltando-se para o canto da sala em que se erguiam os brados hostis*). Tenho por todos esses estranhos cultores da liberdade, o maior dos desprezos. E que estas minhas palavras sirvam para definir esse desprezo!

Ao publico, que exige acção, oferecem os politicos algumas palavras

O sr. Cunha Leal:—Sou um politico que tem a consciencia das suas responsabilidades, apresentando-se sempre de rosto descoberto, mostrando o peito aos adversarios. E bem pesadas são essas responsabilidades, porque, sendo um parlamentar que, atravez de tudo, fala sempre como pensa, sou neste momento, ainda, um ministro, derrubado por um *golpe de preto*, aguardando sucessor. (*Muitos apoiacos*). Comtudo, apesar desta especial situação, vou falar-vos dos politicos e, duma maneira geral, deles dizer mal, o menos mal que puder. Reservo, porém, a V. Ex.as o direito de dizerem de mim todo o mal que quizerem... (*Risos*).

O publico, cuja opinião é falsificada pela parte da imprensa, a *grande imprensa*, enfeudada a poderosos sindicatos, fórma dos politicos um pessimo conceito e vota-lhes um profundo desprezo. Não venho analisar, miudamente, as causes desse fenomeno, nem sentenciar se tal conceito é justo, mas, apenas, verificá-lo. Os politicos não podem ignorar uma tal opinião, porque ignorá-la seria ignorar a propria realidade. E, sem profundar, como já disse, razões, tenho de reconhecer que, aparentemente, pelo menos o publico tem razão.

Efectivamente, os politicos não têm sabido actuar; têm-se limitado a dizer palavras. Para o publico nós consumimos o nosso tempo em bizantinas discussões, servindo-lhe um manjar de palavras num momento em que ha fome de realizações. Se nos espera um terramoto—discutimos! Se o país se afunda—discutimos! Se, por infelicidade, um bombardeamento estivesse prestes a ser feito contra nós—estou em acreditar que ainda discutiriamos! Palavras e sempre palavras—são ainda palavras, agora, o que estou dizendo a V. Ex.as.

E, entretanto, o publico exige acção e muita acção, sempre acção! Prefere que actuemos numa direcção que, porventura, seja errada mas de que, muitas vezes, se pode fazer a rectificação por um pequeno desvio. Em contraposição, os politicos julgam corresponder a essa justa exigencia, discutindo cada vez mais. E o que é peior, raciocinamos mal por via de regra: e um mau raciocinio é, na frase de um grande espirito francês, *a peior das deshonestidades*. Temos, para exemplo, a actual situação politica—que é o fruto de um pessimo raciocinio do sr. dr. Alvaro de Castro... (*Muitos apoiaos*).

Quem retem, neste momento, a supremacia politica, são os republicanos e a Republica é o regimen legal do nosso pais. Poderá, pois, á primeira vista parecer que, aos politicos dominantes se restringe a minha critica. Ora a verdade é que o desprezo publico pelos politicos, abrange indistintamente republicanos e monarquicos. Desprezo esse, sómente em parte justo—como demonstrarei.

A crise portuguesa não constitue uma excepção

Permitam-me V. Ex.as que eu vinque bem a minha convicção de que a questão de regimen passou para um plano secundario. No fundo, os proprios monarquicos não se importam com a sua monarquia. Quanto ao país vê no problema politico apenas uma questão de homens; e se não ha no campo republicano homens, eu pregunto se alguem os consegue descobrir dentro do campo monarquico. Procurando entre os meus livros algumas paginas que tivessem aplicação ao caso, encontrei numa obra de Ernest-Charles, intitulada *Teorias sociais e politicas* algumas frases que definem a situação, tal como o país a compreende:

«O poder absoluto é o unico que se pode conceber. A historia mostra o que é e o que vale o poder absoluto dos homens; e, certamente, embora tantas vezes mal representado, o poder absoluto pessoal determinou os mais sensiveis progressos da civilização: citarei Richelieu, Luis XIV, Pedro o Grande, Frederico II e tantos outros! Mas, para tudo dizer, Deus, na sua infatigavel ironia, caprichou, tartas vezes, em zombar do mundo, que criou, confiando a imbecis em demasiado numero a missão de cumprir os seus ocultos designios».

Parece ser esta, efectivamente, a fatalidade que, no conceito do povo, atinge a nossa politica. Ha a convicção de que nós, os homens que temos dedicado á causa publica todo o esforço e toda a inteligencia, e até o nosso sangue, somos aquele farto numero de imbecis que Deus, para calamidade de um povo, um dia encarregou de presidir aos seus destinos. Longe, pois, a situação como uma consequencia da falencia das *elites* intelectuais e politicas. Será assim ou não? São absolutamente justas as investivas do povo contra aqueles que o governam? Será esta situação da vida portuguesa absolutamente excepcional? Gozará o universo a melhor das idades, surgindo por todos os lados excelentes *elites* intelectuais, e ficando apenas Portugal como a deploravel excepção de um país condenado, pelo enfraquecimento das suas forças vitais, a entrar no numero das nações mortas ou sem direito a existir?

Não! Por felicidade nossa, devemos dizer que Portugal não gosa o triste previlegio de uma situação de crise. A falencia registada entre nós é igual á que se regista por esse mundo. Nós eramos os filhos espirituais da Revolução Francesa. Mas, depois da guerra, o individualismo classico dela nascido, entrou em franca decadencia. As gerações actuais pretendem varre-lo, convertendo, assim, a grande conflagração numa revolução superior áquela. E para compreendemos porque se modificam as nossas ideias — e o mundo é, na hora presente, uma retorta em cujo interior nascem ideias novas — permitam-me que estabeleça um paralelo entre os dois acontecimentos maximos da historia contemporanea,

A Revolução Francesa e a Guerra

Qual o significado, no campo economico da Revolução Francesa? Foi a onda que varreu todos os obstaculos que a antiga organisação feudal opunha á livre troca de produtos entre as varias regiões da nação. Até então, cada região bastava se, mais ou menos, a si propria tendo que cuidar da conservação dos elementos precisos a esse viver autonomo e impedir a concorrencia dos visinhos. Mas, pouco a pouco, o produto foi violando as barreiras que lhe levantavam; esta lenta transformação levou cada uma das regiões a abandonar o seu isolamento economico, entrando num regimen de inter-penetração que teve a coroa-lo a Revolução. Assim nasceu, em França, depressa se propagando a toda a Terra, a economia fundada na livre expansão dos produtos.

E só esta liberdade da boca tornam possivel a aparição da grande industria e do fenomeno capitalista.

Mas, simultaneamente, gerou-se a teoria do individualismo que levou o homem a sair da esfera de acção da sua classe, surgindo na vida politica como cidadão. E esta excepcional entidade politica, absolutamente privada de ligações economicas com os seus visinhos, possuindo o reconhecimento de todos os direitos politicos e não o de importante valor na sociedade economica, passou a representar o papel de um aparente soberano na evolução do Estado capitalista. Reparae, porêm, que ao mesmo tempo que esse Estado desenvolvia esta concepção e aperfeiçoava o sufragio universal, sua instituição maxima, a grande industria ia registando uma maior progressão, daí resultando a aparição de fenomenos que abrem conflito com a teoria do individualismo feroz. O operario, para se defender, regressa ao corporativismo, embora sem o caracter fechado, caracteristico da corppração medieval, e nisto é acompanhado, recentemente, pelo homem da classe media. Surgem os conflitos das classes com o Estado e do individuo com a classe, gerando se, assim, o classico equivoco da Democracia. Com a guerra, o Estado a pouco e pouco reduziu o papel do individuo, adquirindo caracteristicas muito diversas daquelas que inicialmente a Revolução lhe atribuiu. E, como a liberdade do individuo será tanto maior quanto mais fraco fôr o Estado burguês, engrandecer-lhe a potencia foi, de certo modo, matar o cidadão, para fazer surgir—o produtor.

Foi assim que, dentro da Nação alemã, ao mesmo tempo que o Estado absorvia despoticamente os individuos, aumentava a potencia productiva. Ao operario diminuiam em direitos politicos o que lhe aumentavam em bem-estar economico. A sociedade germanica tornou-se dest'arte, além de um exemplo de disciplina e militarisação, uma maquina maravilhosa de producção e um organismo de tal equilibrio que pode aspirar á hegemonia mundial. Em contraposição a Inglaterra, o paiz mais ferozmente individualista, vê neste momento perturbado todo o seu organismo sentindo, mais forte que qualquer outro país, a crise desse principio a que sempre se manteve fiel. Temos de reconhecer hoje que o principio alemão está triunfando das doutrinas invocadas para a obtenção da sua derrota. Mais uma vez, se verifica na historia o fenomeno da penetração do vencedor pelas ideias do vencido. E' que a Europa é forçada a reconhecer que a Revolução Russa está minando o seu sub-solo e, procurando defender-se pela amplificação do papel do Estado, e pelo seu fortalecimento, mata, com o cidadão, a propria essencia das democracias.

Os politicos serão as vitimas naturaes destes acontecimentos se, agarrados ás velhas instituições, não permitirem a solução dos grandes problemas da hora presente. Eles tentam lutar unindo-se a elas como o naufrago a uma taboa, sem se aperceberem de que, assim, mais rapidamente irão para o fundo. Eles não querem compreender que ser radical ou conservador, nesta hora, não é destruir ou conservar tudo, mas sim aproveitar do que existe o que fôr possivel conservar. (*Muitos e prolongados apiausos*). As sociedades actuaes apresentam evidentes sinaes de desagregação, sendo o principal o enfraquecimento do poder central. A salvação da civilisação europeia exige a existencia da disciplina raciocinada, tão diferente da antiga disciplina.

O poder humilha-se como um mendigo

Mas não sou daqueles que entendem que a plutocracia, por intermedio de uma opinião publica falsificada, deve impôr a lei. (*Apoiados*). Todas as classes teem de concorrer para o bem comum. Ninguem possue o direito de se entrincheirar no poder do seu dinheiro, para se furtar aos sacrificios que a salvação colectiva exige! Um País que vive num estado de revolta latente, tem o dever de restituir aos seus legitimos interesses — e só a esses!—aquelas classes que lançam a desordem e provocam o crime. (*Apoiaos*). Muito estranha é a nossa situação! O Poder curva-se perante os desordeiros sociaes, permitindo o estabelecimento de uma confusão que a maiores miserias nos conduzirá. Ha, portanto, que estabelecer a verdadeira Ordem:—reprimindo os de cima, ao pretenderem que os de baixo paguem tudo; repremindo os de baixo quando queiram implantar, em nome de falsos principios, a desordem na sociedade! (*Muitos apoiaos*).

Deste poder que se humilha como um mendigo numa altura em que se lhe reclama todos os heroismos, faz parte o Parlamento liberal—instituição caduca que é necessario não eliminar mas transformar. O Parlamento foi inventado para epocas normais; e, se compararmos a sua produção de outr'ora com a deste periodo em que tão caluniado tem sido, verificamos que aumentou duma maneira bem sensivel. E' que a caracteristica das epocas normais é a relativa fixidez das leis: e nesses tempos que não sei quando voltarão, a propria lentidão do Parlamento servia, pela sua mecanica, para impedir as demasiadas e nocivas pressas na factura de novas legislações. Porêm, encontramo-nos numa epoca perturbada a querer manter o Parlamento, a trabalhar segundo os metodos antigos, fazendo leis com todo o vagar, modificando uma legislação que, dia por dia, reclama remendos —porque estamos assistindo ao espectaculo de, anualmente, ser preciso um novo sistema fiscal de que a discussão, para ser conscienciosa, levaria, pelo menos, os quatro meses normais da sessão legislativa—é quasi ser criminoso perante as necessidades urgentes da salvação da Patria. (*Apoiados*).

O Parlamento, chancela inconsciente

Repito que o Parlamento actual se quizer numa epoca em que tem de atender as necessidades que quotidianamente surgem, trabalhar pelos processos rotineiros do passado ha de forçosamente—como os que se lhe seguirem nas mesmas condições—ser inutil e até prejudicial, porque não acompanharem as suas medidas o desenrolar febril dos acontecimentos. Resta-lhe, pois, o reconhecimento da sua inutilidade em relação á gravidade da crise. E assim se colocam dois problemas: ou o Parlamento se transforma numa chancela inconsciente—era o que queria o sr. Afonso Costa quando cá veiu!—ou ha de discutir com reflexão e tornar se insuficiente, ocasionando, com este atraso do labor legislativo, a eclosão duma coisa que acarreta comsigo os gritos, que pouco me importam *ae abaixo a aitacure*. Reparemos, quanto a ditaduras, que elas só surgem quando se impõem! (*Muitos apiausos*).

Esta necessidade da ditadura reconhece-se, por exemplo, num suplemento do *Diario do Governo* que se tornou classico: o de 10 de Maio, após a revolução de Monsanto. Não foi uma ditadura feita por maus republicanos mas sim por bons republicanos, em especiais circumstancias. Resultou, no entanto, uma pessima ditadura: a ditadura do aumento de despezas e da colocação de toda a gente que não queria trabalhar, aspirando a ser empregado pelo Estado! (*Muitos apiausos*). Mas, na sua essencia, o que significa esse negregado suplemento? A necessidade de fazer naquele dia um trabalho que todo o Parlamento levaria meses ou talvez anos a fazer. Ha, pois, ditaduras tão disfarçadas quão perniciosas, porque os nossos males de agora em parte consideravel derivam do suplemento de 10 de Maio!

O exemplo da Espanha e da Italia

Assim, feitas por bons ou maus portugueses e republicanos, as ditaduras surgem, ás claras ou disfarçadas, quando se tornam necessarias. Resume-se a questão em aparecer quem, ás claras, assuma a respectiva responsabilidade ou em a fazer vir de Paris, disfarçada numa condessinha, contendo o sr. dr. Afonso Costa... (*Risos*). A verdade é que a guerra nos restituiu antigas formulas, hoje insuficientes. Sejamos liberais dizem me; pois eu sou tão liberal como os mais liberais que aqui estejam. Nunca procurei assassinar nem roubar ninguem e tenho respeitado a liberdade de certos visinhos, cujo procedimento para comigo tem sido bem diverso... (*Risos*).

Já citei, no decorrer desta conferencia, o caso da Inglaterra. Paralelamente há o da França que, para resistir ás consequencias da guerra, teve de adaptar-se ao figurino alemão. Adentro da liberdade francesa, Poincaré representa um regresso. A Italia, que vivia em conflitos sociais permanentes e com um Parlamento que se resumia, a uma razão de desordem, encontrou um homem que, em determinado momento, encarnou os desejos colectivos. Esse homem, um antigo *pé-fresco*, um soldado regressado da trincheira, impôs a ordem onde havia a desordem e hoje a Italia é uma nação que progride e se impõe á consideração geral. (*Apoiaos*). A propria Espanha, posta em perigo pela acção deleteria dos seus politicos, encarnou as suas aspirações num homem que é alguem, embora não tenha a simpatia dos portugueses porque não simpatisamos com um ditador militar. Mas a verdade é que ele está reparando brilhantemente os erros dos politicos. Pode, dentro da Espanha produzir-se uma reacção, facto natural num país de extremismos. Certo é, porém, que Primo de Rivera procura enfrentar as causas de dissolução da sociedade espanhola, e tenta engrandecer a sua Patria jugulando a desordem.

A Republica, a Monarquia e o radicalismo inconsciente

Entre nós existe, tambem, a necessidade urgente duma reacção! (*Freneticos apoiados*) Os partidos estão minados, e eu pertenço a

um deles, por elementos de desorganização. Ainda agora, atravez os sucessos da politica, o que vemos? Os bons republicanos que, naturalmente, deveriam desejar a existencia de dois partidos fortes dentro do regimen, regosijados pelo facto de uma pequena dissidencia num deles! *(Muitos apoiados)* Parece, pois, ser desejo desses bons republicanos a existencia, apenas, dum partido entalado entre os dois eufemismos de monarquicos e radicais... Oscilando, assim, a Republica, entre a possibilidade de um desvio para a Monarquia e a de um radicalismo inconsciente que a tudo possa levar—qual seria a sua sorte? A falencia! *(Apoiados)* Ora, pelo contrario, impõe-se a resistencia dos partidos, a depuração dos partidos, o respeito aos principios da Ordem. Isto é absolutamente necessario, representando para a Republica a garantia da sua vida! *(Prolongada ovação)*.

Mas os partidos — confesso o com orgulho —e os homens publicos, só podem fazer alguma cousa e lutar com probabilidades de exito, desde que se apoiem na unica força que ainda se mantem disciplinada através todos os cataclismos da Nação:—a força armada! *(Entusiastica salva de palmas)*.

E' indispensavel a intervenção do Exercito

Tudo o mais nada representa. O Exercito não deve servir corrilhos politicos, e não os servirá porque é um agregado de homens bons que colocaram á disposição da Patria as suas energias e até as suas vidas. E aqueles que, no pretenso resguardo dos principios constitucionais, dizem que o Exercito deve ficar amarrado a propria inconsistencia desses principios e á inacção dos politicos, reduzindo-se á condição de aglomerado de creaturas que não pensam e subjugando-se ao tipo de disciplina em vigor antes da guerra, permanecendo insensiveis ante as dores da Patria, deixando-a morrer, lentamente—esses não são bons portugueses! *(Vibrantes apoiados)*. O Exercito não deve, realmente, actuar contra os partidos; mas tem o direito de fazer ouvir a sua voz e indicar aos poderes publicos que, se lhe compete neutralizar as ameaças de dissolução da sociedade portuguesa, tambem lhe compete o direito de falar —sob pena de se perder tudo, absolutamente tudo, em Portugal. *(Prolongados apiausos)*. Não se adaptam, entre nós, tipos á Mussolini, que na velha tradição de Garibaldi encontram a sua justificação. Não se adaptam, igualmente, tipos á Primo de Rivera, em que é fertil a cavalheiresca Espanha. Mas o que se adapta, o que é indispensavel, o que é vital, é uma tentativa de salvação, dentro ou fora do estatuto constitucional! *(Prolongados apiausos)*.

Falo, apenas, em meu nome pessoal, mas tenho o orgulho de falar claramente. Que façam essa tentativa, em Portugal, os politicos que forem os melhores para governar; mas que a façam urgentemente porque, se continuarmos com governos que não governam e são apenas vagos fantasmas, a quem se pede que nadam façam pois, de contrario, são derrubados por uma revolução, então a Republica e a Patria perder-se-hão. *(Muitas palmas)*.

Só se querem governos de inacção

O que explica, realmente, o fracasso do governo do sr. Ginestal Machado não é nem a circumstancia de ter querido cruzar os braços, nem as medidas que adoptou. O que o derrubou foi o receio de que viesse a fazer alguma coisa! *(Apoiados)*. Derrubou-o a onda dos gananciosos e dos mandriões, a onda dos politicos cujos altos pensamentos se resumem a quererem o livre acesso á gamela em que se têm saciado. *(Apoiados)*. Tremiam, apavorados, que o governo tirasse situações a tantos parasitas inuteis que os magros rendimentos do Estado alimentam. E' que as nossas supostas *elites* politicas são de formação ocasional e correspondem sómente á manifestação de certos apetites esfomeados, que surgiram por circunstancias de acaso e que receiam sempre que uma dissolução os arranque á comoda situação de, com os dentes cravados no cachaço da Patria, lhe sugarem o sangue á vontade! *(Palmas vibrantes)*. Foi isto, o que derrubou o governo Ginestal Machado. Governos que queiram entre nós perdurar, hão de cumprir um fundamental preceito. Sabem v. ex.as qual é? Não fazer coisa nenhuma... *(Risos)*. Governo com sinceros propositos de trabalhar, é governo destruido. Porquê? Porque, a fazer alguma coisa, ou ha de ser um crime, e de crimes estamos fartos, ou ha de ser atentar contra situações de favoritismo. Nessa altura, faz-se sempre uma revolta, não dos principios, mas de todas as bôcas que querem comer ainda e que, quando não tiverem mais nada, hão de roer os proprios ossos da Nação! *(Palmas prolongadas)*. E, felizmente, que sempre vai aparecendo alguma coisa que comer. Eu deixo-lhes dois ossos bons:—o de presidente do Conselho Superior de Finanças e o de vogal do mesmo Conselho. Que os rôam tambem! Quando estes ossos aparecerem com que ansia serão devorados .. Pois que se não engasguem com eles! *(Risos)*.

Derrubaram-me porque quiz trabalhar

Atravez, porém, dos acontecimentos que fizeram caír o governo do sr. Ginestal Machado, registou-se a intransigencia desse grande amigo e a de todos os meus colegas de governo, e eu quero apresentar-lhe o meu publico reconhecimento. Eles todos, sobretudo o sr. Ginestal Machado, pela sua especial função, foram inutilmente solicitados para me lançarem pela janela fóra. Se cito este caso, é porque me surpreende a manifestação de tal odio. Que tenho feito, atravez do meu passado politico e republicano, para fazer temer aos mais ferozes republicanos a minha acção? Por ter sido sidonista? Sim, fui sidonista porque queria vêr a minha Patria livre das clientelas que a dominavam como a dominam hoje. Cometi, porventura, um erro, mas quando os meus intransigentes adversarios de agora se viam metidos nas cadeias, a quem vinham pedir protecção, para o republicanismo de quem apelavam? Era para o de Cunha Leal, era para mim que apelavam! *(Palmas prolongadas)*.

Quizeram lançar-me pela janela fóra porque eu, vendo a ancia deste povo em sair da situação afflitiva em que se debate, fui, por imposições da propria posição que ocupava, dos primeiros dentre os meus colegas—e outros se seguiram brilhantemente, e dentre eles destaco Pedro Pita—a ter a coragem necessaria para saltar por cima de situações, mesmo legitimas, porque para salvar o País não podemos recuar deante de coisa alguma! *(Muitos apoiados)*. Sentiram, então, que eu poderia ser o homem de acção e a politica portuguesa não quer acção.

A politica que seja movimento e não seja a serenidade de um pantano, apenas com o coaxar das rãs ou a aragem levissima a perturbá-lo, isso assusta-os e vá de deitar pela borda fóra o indesejavel. São assim os adversarios politicos que tenho sentido pela minha frente e a quem manifesto aqui, todo o despreso que me vem de verificar que nunca precisei de recorrer á infamia e á calunia para fazer carreira. Tenho actuado, talvez, ás cotoveladas, talvez com pouca delicadesa, mas sempre com grande lealdade e com o coração aberto a todas as ideias generosas. *(Muitos apoiados)*.

O Exercito cumpriu o seu dever

No meio de todas estas defeções dos ultimos dias, houve, porém, uma coisa consoladora: a atitude do Exercito. Quando se quiz fazer uma revolução para atirar a terra o governo, ele mostrou-se energico e disciplinado e pronto a enfrentar todos os inimigos ocultos da sociedade, muitos dos quais a si proprios se alcunharam de bons republicanos quando são, porventura, imagens sediças das figuras da revolução francesa e que só querem dar largas a todos os seus instintos de sangue e de crime. O Exercito cumpriu o seu dever, não saiu fóra da ordem, não fez imposições. Os oficiais de marinha e os de terra ocuparam os seus postos, prontos a sufocar a desordem. E bastou a manifestação de uma energia, que não era postiça, para que a desordem, que é sempre cobarde como o crime, se sentisse aniquilada.

Ah! Mas neste momento para honra da sociedade portuguesa, produziu-se um fenomeno curioso: pela primeira vez os cumplices não abandonaram aqueles que tinham mandado para a desordem, e assim o Parlamento mostrou a sua desconfiança ao governo que tinha dominado os revoltosos. *(Muitos apoiados)*.

E, por esta forma, caiu um governo—reu do crime nefando de ter jugulado uma revolução!

O sr. Alvaro de Castro, inimigo da Constituição

Não quero proferir palavras de retaliação politica, mas devo, em todo o caso, constatar que os constitucionalistas, que quizerem ver um ataque á Constituição no facto de um governo ter reprimido a desordem e mantido a ordem, armaram em paladino do legalismo o sr. dr. Alvaro de Castro que tinha estado a conspirar contra a Constituição antes da chegada do sr. Afonso Costa!!!...

(Apoiados, palmas e vivas ao orador. Esboça-se um ligeiro tumulto, depressa sufocado).

Entre mim e o sr. dr. Alvaro de Castro ha uma diferença; é que, embora eu concordasse com o seu objectivo, quem conspirava, de facto, era Sua Ex.a e não eu que estou velho de mais para essas folias. *(Apoiados)*

Eu seria um conspirador moral. Sua Ex.a era o conspirador activo! *(Apoiados)*.

Mas deixemos todos estes incidentes secundarios e voltemos á minha tese inicial. Um dos objectivos da nossa politica deve ser o saneamente moral da sociedade portuguesa. E' precise punir o crime. Ha assassinos que a autoridade não pode prender porque se estabeleceu uma cumplicidade tacita na defesa dos criminosos a quem tantos apertam a mão e á cautela vão utilisando, como *bravi*, contra os adversarios politicos.

Integrar ou restituir essa gente á cadeia é uma necessidade social e um dever de honra de todos nós.

O problema economico e financeiro

As dificuldades de solução dos problemas economicos e financeiros todas v. ex.as as conhecem. Não há um pensamento fixo e obstinado de reduzir as despesas, porque todos se revoltam contra os que querem encarar o problema a serio. Há organismos numerosos que estão condenados a uma função parasitaria. As Escolas Primarias Superiores gastam cerca de 6.200 contos, por ano, sendo a sua frequencia não superior a 1.900 alunos, o que tanto monta dizer que cada aluno custa, anualmente, ao Estado cerca de 3.200$00. Ha Faculdades quasi sem frequencia, como as Faculdades de Farmacia do Porto e Coimbra. O mesmo poderiamos dizer duma das Faculdades de Letras, da Escola Normal Primaria de Braga, da Escola Normal Superior de Coimbra. Um certo numero de Institutos dependentes do ministerio da Guerra estão nos mesmos casos. Ainda a mesma condenação poderia atingir tantissimas comarcas de 3.a classe, a Relação de Coimbra, certos dispendiosos serviços do ministerio da Agricultura, com os seus infinitos directores gerais, e doutros ministerios. Tocar nisso, porém, é impossivel, porque os politicos não deixam mexer nas clientelas, e as clientelas se conservam, á cautela, de armas na mão, prontos para a revolução.

A mesma dificuldade se encontra para vencer as relutancias em pagar das classes que possuem, e que, obstinadamente, se recusam a concorrer para a salvação comum.

Por falta de recursos financeiros, a economia nacional vê paralisado o seu pleno desenvolvimento. E, como consequencia de tudo isto, a moeda portuguesa desvalorisa-se continuamente, e a fome e a miseria invadem os lares dos que trabalham.

Esperar que toda a tarefa a realisar seja compativel com as proprias condições de funcionamento do Parlamento, mesmo quando a politica fôsse norteada por nobres ideais, é—repito—um absurdo. Nestas condições a ditadura impõe-se, nesta hora, como uma necessidade inadiavel. Não quero, com isto, apresentar a minha candidatura a ditador. Serei dentro da politica portuguesa aquilo que as circunstancias e o meu proprio esfôrço impuzerem. Mas isso hei de sê-lo — quer queiram quer não queiram os meus inimigos—emquanto não me fizerem seguir o caminho de tantos outros .. *(Apoiados)*

O que pode impedir a ditadura

Se o aparecimento deste fenomeno social da ditadura ainda se não produziu, deve-se isso, exclusivamente, a situação especial duma imprensa que não traduz, livremente, as ansias de todo um povo, as aspirações da consciencia nacional. Não desejo ofender a parte sã do jornalismo, nem o seu proletariado em geral, quando afirmo que o primeiro problema a encarar, no futuro, é a organisação da imprensa, livrando-a de certos elementos que, para servir os seus interesses, são capazes de crucificar a propria Patria. E se faço esta afirmação é porque é preciso fazê-la nesta hora em que a verdade é tão necessaria ao espirito como o pão ao corpo.

O problema duma plutocracia deleteria ha de um dia ter uma solução. E, sobretudo, ha de tê-la a organisação doma mosgem avida e gananciosa. O papel da mosgem é bem mais pernicioso do que o foi o do jesuitismo outrora, porque se o jesuita nos envenenava, segundo dizem muitos, a alma, a mosgem envenena-nos a alma e o corpo—e disso não duvida hoje ninguem. *(Muitos e prolongados apoiados)*.

São estas as minhas opiniões, as quais não prendem em nada o governo a que pertenci.

Dirigi-me a V. Ex.as para lhes dizer: salvemos a Nação com os politicos apoiados na força publica! *(Apoiados gerais)*.

Ao meu partido eu me dirijo, egualmente, neste momento, para o felicitar por se ter libertado de um equivoco e para lhe dizer que os poucos ou muitos que cá ficaram, só têm um caminho a seguir: ir para deante, pensar no País, e pensar em salva-lo, apoiados na unica força organisada que existe entre nós—o Exercito!!! *(Apoiados e vivas ao Exercito)*.

Vou terminar pedindo aos meus colegas do Ministerio desculpa daquilo que aos seus proprios principios pudesse ter repugnado na miexposição, que é a exposição da verdade, tal qual eu a vejo e sinto. Falei uma linguagem que naturalmente, sem esforço, me saiu do coração. E falei, como republicano, que tendo orgulho em o ser, afirma altivamente as suas convicções nos vivas com que vai terminar:

Viva Portugal, Viva a Republica!

S. CARLOS Telef. C. 3063
HOJE: — Recita de COSTA PEREIRA, secretario da empresa e do camaroteiro.
Unica representação de
A VINHA DO SENHOR
Sexta-feira: Reaparição de A CASTELÃ — O grandioso exito da actualidade com LUCILIA SIMÕES — Bilhetes já á venda sem aumento.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ncite de entusiasmo — A empolgante peça
A VERTIGEM
Scenas da maior intensidade dramatica
Notavel conjuncto com Ilda Stichini, Rafael Marques, Clemente Pinto e Ribeiro Lopes nos principais papeis.
Enscenação do actor José Ricardo, magnificos scenarios de Mergulhão e Campos & Oliveira.

TEATRO SÃO LUIZ
— CONCERTOS BLANCH —
DOMINGO 23, matinée—7.º concerto de assinatura
Orchestra Sinfonica Portugueza
dirigida pelo «Kapellmeister» Joseph Lassalle director da Orchestra Philarmonica de Munich
no qual toma parte o brilhante
soprano madame Mello Vianna
1.ª audição de uma obra de G. Mahler, completando o programa obras de W. A. Mozart, Ruy Coelho e J. Strauss. Bilhetes á venda

AVENIDA Telefone N. 4356
HOJE — Recita da Moda — Formidavel exito da
Companhia Satanela-Amarante
de que faz parte Nascimento Fernandes
TODAS AS NOITES
O João Ratão

=POLITEAMA=
Emp. Luís Pereira Telef. 3028 N.
COMP.a REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Primeira representação da peça em 3 actos, de CHAGAS ROQUETTE
O POMBO MARIOLA

APOLO Tel. N. 4129
HOJE — Retumbante sucesso — O famoso numero tipico O BOI ampliando a popular revista
VIDA AIRADA
A MENINA DOS BIGODES, por Lina Demoel que cantará fados á guitarra
Sabado — Recita dedicada a Julia da Assunção
Reapar. de Elisa Santos — Programa sensacional

Eden-TEATRO
COMPANHIA DE ZARZUELA
HOJE, ás 21,15 — 3 zarzuelas chicas
EL SACRO MONTE
LOS BOHEMIOS
El Sanatorio del Amor

Tapetes e Carpettes do Oriente
Importação directa
VENDA DIRECTA
PREÇOS RESUMIDOS
The British Products Supply, Ltd.
25, Calçada do Carmo, s/l Esqd.º
(ao Rocio)

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças Cirurgia infantil
Das 4 ás 6—CHIADO, 36, 2.º—Telef. C. 5020

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado, 36, 2.º — Tel. C. 5020

REY COLAÇO

CANTIGAS DE PORTUGAL — Caprichosa colecção de 48 cantos e danças populares por portuguesas num album de 56 paginas. O mais distinto presente para um amador de musica.

Pelo correio, franco de porte, 10$00

CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57 e 58

A Cidade

BASTOS SILVA, LIMITADA

Rua S. Nicolau, 81

(Esquina da Rua Arco Bandeira)

Inaugurando o seu estabelecimento no proximo sabado 22, com um variado sortido de carteiras, malas, pastas, etc., e artigos de grande novidade em metal, cristal, «terre-cuite» e porcelanas, muito gratos ficarão a quem se dignar visitar as suas instalações.

Chá das cinco

Scenario antigo

Recordo agora, na contemplação amorosa dum scenario antigo, velhas paginas que exerceram sobre a minha imaginação uma influencia decisiva.

Olho as coisas que me rodeiam, as pobres coisas em que ninguem pensa, e que têm para a cinza das minhas ilusões um carinho maternal, e ponho-me a sonhar.

Está tudo ainda no seu logar. Passaram os homens, passaram as paixões que conduzem os homens, a vida desfolhou-se, petala a petala, como uma rosa doente — e as coisas ficaram. São elas que melhor compreendem a vida.

Andam os homens a morrer todos os dias por uma ilusão, por um amor, por um ideal — e elas, com uma santissima resignação, olham para os homens e preguntam: «Para quê?»

Ha neste scenario antigo livros que têm quatrocentos anos e alimentaram de ilusões a imaginação de quatro mil leitores.

Abro um e leio. Fala do amor e aconselha os homens a amarem o menos possivel. Este prega a bondade, aquele a religião e aquel'outro ensina regras de bem viver. Ha um que eu aprendi a ler desde pequenino — quando ainda não sabia ler. Chama-se a *Biblia*.

Alinham-se os pesados calhamaços na velha prateleira, cheiinhos de sciencia e de bons conselhos, do tempo em que se faziam livros para aconselhar os homens, e a poeira vai caindo, muito fina, quasi imperceptivel, sobre os pensamentos filosoficos dos sabios e os gorgeios liricos dos poetas.

Livros que ninguem lê, sciencia que não aproveita a ninguem, pregunto a mim mesmo para que passaram os homens dias, meses e anos a lançarem sobre o papel, numa letra meudinha, tantos milhões de linhas como não deve haver estrelas no ceu?

E, emquanto sonho, um raio de sol entra pela janela e vem acordar a poeira que anda á superficie dos livros e das coisas deste scenario antigo.

Como estou cheio de frio, estendo as mãos para o sol e aqueço-me no calor que os livros me não deram...

NORBERTO LOPES

MIRANDA & FILHOS

JOALHEIROS

50 — CHIADO — LISBOA

O NATAL

dos nossos pobres

A exemplo dos anos anteriores, o *Diario de Lisboa* pensa distribuir pelo Natal alguns donativos aos seus pobres. Para conseguir esse fim, contamos com o carinhoso auxilio dos nossos leitores.

A subscrição fica aberta com as seguintes quantias:

Diario de Lisboa	250$00
A. R.	50$00
F. C.	50$00
P. H. E. R.	10$00
Livraria Portugalia Editora	50$00
Silva Mendes & C.ª Lt.ª.	30$00

UM LIVRO NOTAVEL

O Rei Formoso

e a Flôr de Altura

As conclusões a que chegou o dr. Asdrubal de Aguiar

Ha uma peça de Bataille, intitulada, *Les Flambeaux*, em que ele simboliza, com traços arrancados á mascara e á vida de Pasteur e de Charcot, os grandes homens de sciencia, labaredas do pensamento e da abnegação, que tudo sacrificam, que tudo abandonam, que tudo esquecem, para arrancarem á vida misteriosa dos acidos e das retortas, os segredos que hão de fazer eterna e feliz a humanidade.

Encarnam o bem, combatendo o mal — luta constante, em que madame Curie, deixa roer lentamente os dedos pelo radio, em que Charcot inocula a si proprio a raiva que ha de destruir, em que Sousa Martins, adoece á cabeceira dos doentes que trata, estudando no seu corpo, a etiologia dos morbus.

E' desta fibra, desta raça de principes da sciencia, que conhecem a vida e a morte, nas suas relações mais intimas, o homem com quem acabo de conversar: o dr. Asdrubal de Aguiar.

Olho o. Há sem duvida nele uma descorrelação enorme entre o fisico e a alma. O corpo serve-lhe apenas para deter uma scentelha formidavel de inteligencia, que oculta envergonhado e timido. Umas lunetas de sabio alemão; um fato desageitado; uns olhos azuis, que as dores liquifizeram, humanisaram-no para além da vida e do nosso tempo.

Ninguem o vê. A Morgue esconde-o. Bibliotecas inteiras são devassadas pelo seu estudo. Vale toda a sciencia medica dum país.

Como todos os *granaes* é quasi um ignorado. E' um pouco anonimo, como o seu colega Azevedo Neves, como Teixeira Lopes, como Columbano, como tantos outros.

Vamos arrancar Asdrubal de Aguiar á sombra da Morgue. Temos um pretexto: os dois livros que acaba de publicar, com pequeno intervalo — *A Sciencia Sexual* e *O Rei Formoso* e a *Flor de Altura*.

São duas obras que pertencem a todos os ramos da literatura: historica, iconografica, etica, etnica, medica, penal, forense e até romantica.

Sciencia Sexual é o primeiro volume duma serie de doze. Já estão todos feitos. São manuscritos ainda, que não tardam vir a lume. Representam 10 anos de trabalho, uma consulta intensa da literatura de todos os paises, de todos os cinco continentes; uma viagem aos vinte seculos da era cristã; aos emporios do Oriente; ás civilisações mediterranicas; ás florestas apocalipticas do Setentrião da Europa, quando ainda as habitavam os povos que vieram do Pamir, em avalanches obscuras de instintos e de luz. Mas Asdrubal de Aguiar quiz fazer uma obra completa, e traçou doze capitulos, que genericamente se podem englobar neste distico: orgãos sexuais.

Não nos compete a nós entrar em detalhes de ordem psicologica e patologica. Diremos apenas, que o primeiro volume da *Sciencia Sexual*, é a pedra angular dum grandioso edificio medico-legal. Asdrubal de Aguiar é talvez o primeiro clinico do mundo que bate o *record* dos exames periciais. Pelas suas mãos, passam os estupros, os atentados, as violencias, as necrofilias, as aberrações duma cidade inteira. Lisboa do crime é estudada apenas por ele.

* * *

Bosquejámos rapidamente, mais rapidamente do que deviamos, o plano da formidavel obra de Asdrubal de Aguiar *A Sciencia Sexual*.

Mas o que interessa, sobremaneira, pela claridade que lança, sobre esse par tragico, de D. Leonor Teles e D. Fernando, que sacrificou um reino, uma familia, um povo ao seu amor — é o seu novo livro: *O Rei Formoso e a Flôr de Altura*.

Asdrubal de Aguiar estudou a epoca, o povo, o clero, a nobresa, os costumes, os crimes, as penalidades, a ancestralidade do par realengo, a sua consaguinidade, folheando arquivos, heraldicas da nobresa de todos os paises, começando em Pelagio e, anel a anel, tronco a tronco, ergueu uma arvore genealogica que é completa, que é precisa, que é perfeita.

Neste livro ha tudo: as biografias das 23 gerações que antecedem D. Fernando e D. Leonor Teles, dois grandes reflexos de mil perversões, de mil anomalias, de mil crimes, de todo esse povo que é feito de reis e de rainhas, que entroncaram em todas as dinastias da Europa; a sua descendencia, que obedecendo ás regras da patologia, morre á nascença ou sem prolongamento; a classificação psiquica do *Formoso* e da *Flor de altura*; clinica dos parentes e mil e um detalhes de observação, de analise, de presciencia medica, que dão á obra a consistencia dum trabalho completo, profundo, absoluto, sem uma palavra a mais a juntar.

O que é interessante é que o sr. dr. Asdrubal de Aguiar, um belo tecnico destas maravilhas medico-legais, não se embrelha em escolasticas secas e hirtos de forma. Tem um estilo, opulento de tintas para as discrições, profundo e sensivel para as emoções, claro e ao mesmo tempo classico e de tal maneira vivo, colorido, intenso, fresco, que julgamos estar lendo um cronista medieval, servido por uma pena, moderna, nervosa, concludente.

O Rei Formoso e a Flor da Altura, amplamente documentado é uma optima fonte para futuros estudos de romance e de teatro. Ha prismas novos da vida tragica do par realengo que só agora são desbastados e expostos opulentamente sob uma luz nitida, feita de dois raios: a literatura e a medicina.

Como classifica, o sr. dr. Asdrubal de Aguiar, D. Fernando e D. Leonor Teles? Loucos morais! Ele — um instavel moral. Ela — uma invertida moral, com hiperistesia. Depois veem as taras manifestadas com tanto rigor que julgamos vêr viver a mumia apodrecida de D. Fernando, abandonada, no convento do Carmo e que D. Leonor ressuscita, galante, formosa e letal.

A obra do sr. dr. Asdrubal de Aguiar termina com 53 mapas genealogicos, os mais extensos e mais completos que se têm feito em Portugal.

Emfim, o *Rei Formoso e a Flor da Altura* é um livro que sintetisa tudo quanto até hoje se tem escrito sobre esse tragico drama de amor e que, pela notavel claresa das ideias, pelos pormenores vivos que nele aparecem, pelo estudo documentado que encerra, pelas originais conclusões medicas que possue desde a primeira á ultima pagina marca a literatura dum povo e honra o nome modesto, mas já glorioso, que o firma.

Uma grande festa de "sport"

Vai realisar-se, em breves dias, uma brilhante festa de *sport* cujo programa está sendo elaborado.

Nela figura um grande desafio de *foot-ball* entre dois *teams* de maior reputação entre nós, sendo disputada uma taça,

Jantar de confraternisação

Os empregados do Banco do Minho em numero de cincoenta e cinco reunem-se no proximo sabado no Restaurant Fortes num jantar de confraternisação celebrando a ante-vespera do Natal.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

UMA CONTRADITA

A DITADURA

condenada

pelo aviador

Ribeiro da Fonseca

Contraditando a conferencia do sr. Cunha Leal, o capitão aviador sr. Ribeiro da Fonseca pede-nos a publicação do seguinte:

Tendo lido nos jornais que o sr. Cunha Leal havia feito uma conferencia preconisando uma ditadura e sabendo perfeitamente os perigos que essa ideia póde ter no nosso meio militar, não posso deixar de vir á estacada dizer publicamente a esse senhor que não ha o direito de se ter semelhante ideia, quando ao mesmo tempo se presume de creatura inteligente, lida e sabida na historia dos povos, mormente na do nosso

Governar é transigir, dizem-no os grandes homens que teem dirigido povos.

Transigir com a opinião geral, é claro, e não pretender impôr disparates á força de coronhadas, como qualquer novato politico entende ser coisa facil.

O perigo do poder é exorbitar; quem tem o poder na mão necessita ter um Parlamento a quem preste contas dos seus actos, sem o que, necessariamente, será levado para a prepotencia.

Esta é sempre o refugio dos «sem-valor», daqueles que ás cegas pretendem impôr a sua vontade.

Um Parlamento acata creaturas que se lhe apresentem com qualidades morais que se imponham, com bom senso que convença, com inteligencia que demonstre.

O sr. Cunha Leal, armado com a inteligencia petulante dos bancos das escolas, esquece que lhe falta aquela dose de senso da vida pratica, que vem com os anos e com a arte de viver, que teem os bons politicos.

O seu curso de engenheiro é dos menos proprios para dirigir povos, prova-lh'o qualquer medico ou advogado.

Um militar não dá um bom politico, sabe toda a gente.

Não se admire, pois, que a mais pequena medida apresentada por si, tivesse sempre o condão de levantar tamanha celeuma.

Faltou-lhe sempre o geito, a arte, a que se chama politica, que não tem nada com a sciencia dos numeros.

Não esteja desconsolado em não ser um bom politico, deixe isso para outros com mais experiencia da vida e mais geito, e não venha, querendo governar á «outrance», desinquietar os jovens alferes, a quem os ocios dos quarteis tornam sempre prontos a abraçar situações de força, convencidos, na sua ingenuidade, de que com três espadeiradas aumentam as receitas e com quatro tiros se endireita um orçamento.

A Guerra foi ha pouco tempo e nela todos os que gostam de empregar a força tiveram ocasião para o fazer.

Agora trata-se de endireitar as finanças, para o que é necessario um governo de prestigio, isto é, com grande maioria que lhe facilite a sua missão, e não com um Cunha Leal ao pontapé a toda a gente.

Os Mussolinis e Primos de Rivera serão, quando muito, como o nosso João Franco, os implantadores da Republica nos seus paizes.

Governar apoiado na maioria dum Parlamento, isto é, na maioria da opinião publica, sim, tem valor; para isso são necessarias qualidades de prestigio e de bom senso, que deve ter um bom politico.

Governar, como o senhor preconisa, apoiado nas baionetas, tambem o meu 1.º sargento governava, sr. Cunha Leal!

RIBEIRO DA FONSECA

CAPITÃO AVIADOR

Bom emprego de capital

PREDIO

VENDE-SE, muito bem construido, no Novo Bairro da Lapa. Tem um andar vago. Rendimento anual 31.200$00.

Para tratar

Rua de S. Paulo, 216, 1.º

Solar da Alegria

Praça da Alegria

Peabre brevemente com nova gerencia. V. Ex.ª visitando o SOLAR DA ALEGRIA verificará que a sua actual Empresa fez dele o Restaurante mais confortavel de Lisboa com melhor mesa e com a mais escolhida clientela. Estará aberto toda a noite.

A Cidade

TAPETES DE BEIRIZ

todos os que se não venderam na exposição, e outros desenhos acabados de receber, encontram-se no deposito da **Rua Ivens, 30**

UMA OBRA NOTAVEL

A SINFONIA numero 4 em sol maior de Gustavo Mahler

Joseph Lassalle, o notavel maestro que no proximo domingo regerá em S. Luiz, interpretando a celebre Quarta Sinfonia *de Mahler, acedeu ao convite que lhe fizémos para expôr aos leitores do* Diario de Lisboa *o que é essa admiravel obra:*

Em realidade, o *programa* que serviu de guia a Mahler para a composição desta obra extraordinaria não é conhecido nem o autor queria que se conhecesse; só na intimidade, e mesmo raras vezes, deu alguns detalhes interessantes que me servem para redigir estas linhas

A génese da 4.ª Sinfonia de Mahler vem dum drama familiar, que nem por ser muito frequente deixa de ser muito doloroso: a morte de um filho! A morte do filho unico! Programa profundo, magnifico, intenso!

O primeiro tempo desta Sinfonia, que poderiamos denominar a «Sinfonia da creança» é uma concreção de cantos, brinquedos, alegria. Força, vida!

No 2.º tempo, — pagina notabilissima — encontramos a descrição de todas as aberrações do sonho da criança: imagens fantasticas, recordações apagadas ou precisas de jogos e dansas, espectaculos nebulosos e indefinidos de monstros apocalipticos. Vagidos, dores, alegria, risos e suspiros!

N. B. — Neste tempo e com o fim de dar a sensação de uma estridencia infantil — permita-se-me a frase — Mahler faz tocar o Professor concertino em um violino afinado um tom alto, produzindo-se assim uma originalissima sonoridade, um desiquilibrio melodico quasi imperceptivel mas encantador

No 3.º tempo o *programa* é profundo e ilimitado. O espectaculo da creança que dorme. Haverá coisa mais comovedora, que faça pensar tanto como o sonho de uma creança? Toda uma vida; o que é, o que tem sido, e, sobretudo, o que será...

Chega, porém a morte e a creança não mais despertará. Nenhuma consolação resta: a dôr arraiga-se... Emquanto sobe ás regiões celestiais, a creança descobre a dôr paterna e na sua infinita piedade trata ingenuamente de a mitigar com a narração das alegrias celestes — *quarto tempo* — ; o anjinho sorri, com as suas mãositas de rosa entreabre as nuvens que separam os pobres mortais da morada dos bemaventurados, e diz:

«Nenhum rumor do mundo chega ao «Ceu, onde disfrutamos as puras alegrias «celestiais.

«Como anjos, que somos, vivemos em «completa calma; mas não nos falta a «alegria por isso. Cantamos, brincamos, «saltamos, dansamos!

«S. Pedro vigia, condescendente, os «nossos folguedos!...

«S. João deixa o seu cordeirinho em «liberdade que o carniceiro Herodes es«preita vigilante, e entre todos levamos «o pobre, inocente e amado codreirinho «a morrer, imitando S. Lucas, que sem «nenhum escrupulo sacrifica ao boi seu «companheiro.

«Os anjos cozem-nos o pão.

«Nas hortas celestes abundam os legu«mes e os frutos de toda a especie.

«Ricas maçãs, saborosas peras, uvas e «cerejas, tudo ao alcance das nossas mãos.

«Queres lebres? Correm pelos nossos «campos e quando chegam os dias de vi«gilia, os peixes grandes e pequenos veem «até nós nas praias e nas ribeiras. S. «Pedro, com as suas redes e anzois, re«corda-se do seu antigo oficio.

«Santa Marta é a nossa cozinheira...

«Nenhuma musica terrestre póde, nem «por sombras, comparar-se com a nossa.

«Onze mil virgens dansam, em côro, e «até Santa Ursula digna-se sorrir ao ver «a nossa alegria.

«Santa Cecilia e os seus, tocam muito «melhor que os melhores musicos das «Capelas Reaes. As vozes dos querubins «extasiam-nos e tudo vive em alegre «calma celestial».

JOSEPH LASSALLE

Politeama — C.ª Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE — 1.ª representação da peça em 3 actos
O POMBO MARIOLA

OS ACONTECIMENTOS

O comandante da revolta do "Douro" faz interessantes revelações sobre o ultimo movimento

A entrevista tem lugar na Torre de S. Julião da Barra. Estamos na explanada, olhando o oceano azul, onde o sol põe brilhos suaves.

Tem a palavra o capitão de fragata sr. João Manuel de Carvalho, antigo adido naval em Londres, e comandante da ultima insurreição a bordo do «Douro»:

—Todos os meus camaradas que tomaram parte na revolução de 1910 que implantou a Republica, devem estar hoje muito desiludidos...

—Porquê?

—Não foi decerto esta Republica de escandalos e roubalheiras que eles sonharam.

—A sua desilusão...

—Veiu depressa. Mesmo em Outubro de 1910, segui para o Brasil e Argentina. Em Buenos Aires tive uma larga conversa com o director do jornal «La Prensa», o mais importante da America do Sul, pessoa culta e de vistas largas. Fez uma profécia que infelizmente se cumpriu.

—Dizia ele...

—«Por emquanto, em Portugal tudo vai bem. E' a lua de mel da Republica. Quando voltar a Lisboa, vai encontrar tudo mudado. Os chefes do movimento revolucionario dividem-se, formam partidos e clientelas rivais e em breve haverá mais odio entre republicanos do que contra os monarquicos». Era a historia de todas as revoluções.

—Os factos confirmaram a profecia...

—A Marinha, a quem a Republica tanto deve, foi posta á margem. Navios com algum valor militar, nunca mais se adquiriram. Daí o desanimo, o desmembramento...

—O senhor...

—Sou ha muito um dos descontentes. Vitima duma estupida perseguição politica, não admira, pois, que o espirito de revolta germinasse no animo de um oficial disciplinado e amigo da ordem, o que cerca de 40 anos de vida militar sem mácula pódem confirmar. Com os boatos de dictadura e com o descontentamento dos marinheiros, era de prever que na revolução inevitavel se repetissem os acontecimentos da noite tragica.

—Era de prever?!

—Era. Ha oficiais que são odiados pelas praças «et pour cause». Sem a intervenção de alguem que os contivesse, tudo havia a esperar, por melhores que fôssem as intenções dos marinheiros.

—A bordo...

—Não se maltratou ninguem. Apesar de não conhecer ninguem do «Douro», a guarnição manifestou-se a favor do movimento revolucionario e contra os oficiais que estavam no navio.

—Porque se serviram de balas para os sinais?

—Não havia cartuchos de sobra e foi preciso usar cartuchos embalados. Com o angulo de tiro de 450, era de prever que as granadas passassem por cima da cidade sem lhe tocar, indo cair no campo, como sucedeu. Resisti á sugestão de dar algum tiro para terra.

—Dessa forma...

—Não houve sangue.

—Havia muitos oficiais comprometidos?

—Fui miseravelmente traído por militares e civis — e a lição por certo me aproveitará...

—Não poderá concretisar...

—Talvez. Passe por cá, que talvez me resolva a detalhar o que hoje lhe afirmo...

Dr. João Ulrich

Regressou de Paris o sr. dr. João Ulrich.

Dr. Torres Garcia

Regressou de Coimbra o sr. dr. Torres Garcia.

TEATRO DE S. CARLOS

Amanhã

de novo em scena a grande peça de Capus

"A Castelã"

Outro triunfo da COMPANHIA LUCILIA SIMOES-ERICO BRAGA

Uma scena do 3.º acto entre Lucilia, Erico Braga e Amelia Pereira

(Este scenario, uma maravilha de arte scenografica é de Frederico Ayres)

Pelos teatros

Ausenda de Oliveira

Ausenda de Oliveira, gracioso, alegre, cravo de S. João, que tem aroma, chama e côr, reaparece hoje na

AUZENDA DE OLIVEIRA

primeira da Fraquita, uma linda opereta que pela frescura e encanto da musica e pelo entrecho, vai ser consagrada pelos aplausos da critica e do publico.

Ausenda incarna um delicioso tipo de mulher, que será, certamente, uma das suas mais interessantes criações.

"Benamor"

No Eden Teatro, levou ontem a companhia de zarzuela, pela primeira vez em Portugal, a peça «Benamor».

«Benamor» que é uma opereta baseada em um conto das «Mil e uma noites persas», é—sem favor o dizemos—do melhor que temos visto no genero.

Tanto o libreto, de Antonio Paso e Ricardo G. del Toro, como a partitura do maestro Fabio Luna, são de uma inspiração e de um colorido admiraveis.

«Benamor» que foi posta em scena com toco o esmero, tem principio, meio e fim. Não tem soluções de continuidade, mantendo a plateia num crescendo de interesse e de encanto.

A interpretação foi tão boa que não permitte referencias especiaes. O quinteto do segundo acto foi admiravel. Emfim: «Benamor» é das peças de que apenas se pode dizer bem.

Hoje leva a companhia á scena trez zarzuelas «chicas», «El Sacro Monte», «Los Bohemios» e «El sanatorio del amor».

Pedro Cabral

Uma comissão de amigos e admiradores de Pedro Cabral, velho e estimado actor, promove-lhe, na vespera de Natal, uma festa de homenagem com a adesão de quasi todos os nossos primeiros artistas, entre os quais figuram: Eduardo Brazão, José Ricardo, Rafael Marques, Erico Braga, Estevam Amarante, Nascimento Fernandes, Oleto de Carvalho, Fernando Pereira, Sales Ribeiro, Joaquim Prata, Lucilia Simões, Amelia Rey Colaço, Ausenda de Oliveira, Luísa Satanela, Ida Stichini, Laura Costa, etc.

Os conferencistas desta «matinée» serão os srs. Cristovão Aires e André Brun.

A parte decorativa, devida a Luís Salvador e Castelo Branco, constará dum grupo animado e de imitação duma parabola biblica escrita pelo distinto poeta Silva Tavares e recitada pelo actor Rafael Marques, figurando nela mais de 40 figuras.

Promete ser uma linda festa de arte, sendo de todo o ponto justa a homenagem a Pedro Cabral.

Atrás do reposteiro

Continua a anunciar-se para amanhã a primeira representação, no Politeama, da nova peça de Chagas Roquette, «O pombo mariola», cujos ensaios de apuro têm decorrido admiravelmente. Na peça, que tem 3 actos, toma parte quasi toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, cabendo a estes artistas, Emilia de Oliveira, Laura Hirsch, Alfredo Ruas e Gil Ferreira os principaes papeis.

—Hoje, em recita de Costa Pereira, secretario da empreza, e do camaroteiro de S. Carlos, dois rapazes que são muito justamente estimados, realisa-se, naquele teatro, a ultima representação da peça «A vinha do Senhor».

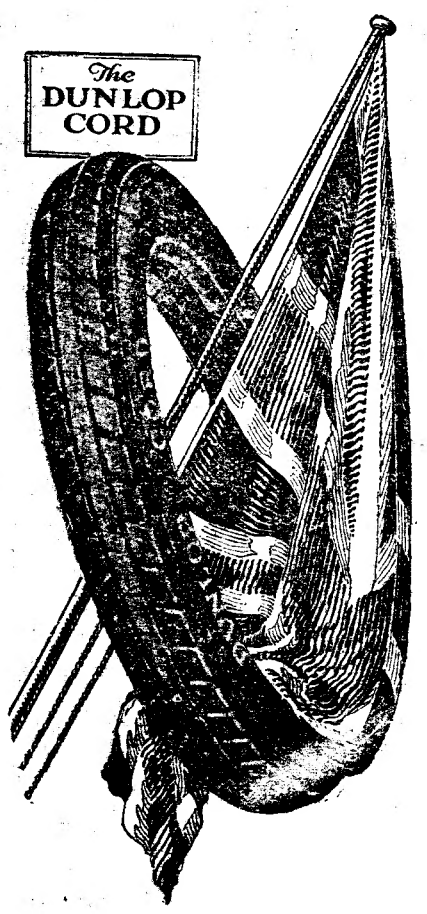
—Realisa-se hoje no teatro Gil Vicente, á Graça, a festa artistica do actor Ricardo dos Santos, com a peça «O domador de feras», em que o beneficiado tem um interessante trabalho.

—A companhia Lucilia Simões volta a representar, amanhã, em S. Carlos, a deliciosa peça «A Castelã», que tem um notabilissimo conjunto de interpretação.

Sapataria CONTENTE, L.da

Calçados finos
SEMPRE PELOS MELHORES MODELOS E FORMAS
Preços especiais de fins do ano
RUA DO CARMO, 74

DUNLOP



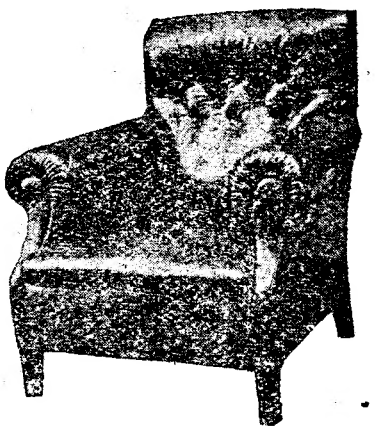
DUNLOP

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLEIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio Iodo)
TEL. C. 3082



GRAND PRIX.
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
RIO DE JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895
LONDRES 1904 LISBOA 1888 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Farinha Peitoral Ferruginosa

Tonico reconstituinte, e precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Muito recomendada pelos Medicos a todos os debelitados, convalescentes de qualquer doença, na alimentação das parturientes e amas de leite, pessoas edosas, anemicos e creanças. Mais de 50 anos de resultados sempre eficazes comprovados por numerosos atestados.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

A INDUSTRIAL DE CARNES, LIMITADA
LISBOA

ARMAZENS	ESCRITORIOS
Rua da Escola do Exercito, 15	Rua da Betesga, 41, 1.º
Telefone Norte 3182	Telefone Norte 3202

TOUCINHO BRASILEIRO, de finissima qualidade. PRESUNTO BRASILEIRO para entrega imediata. TOUCINHO E BANHA NACIONAL de 1.ª qualidade e todos os demais artigos de salchicharia de esmerado fabrico aos
melhores preços do mercado

INSTALAÇÕES PROPRIAS

Mendonça, Limitada
TELEFONE, 16 NORTE

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS
LEILÕES DE MOBILIAS
EM CASAS COMERCIAES E PARTICULARES
TRESPASSES
Comissões e consignações
AVENIDA DA LIBERDADE, 119-A — LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES
TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRIPTURAÇÃO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
PREÇOS MODICOS
34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

DINHEIRO

sôbre joias, ouro, prata, platina, papeis de credito, automoveis, motos, mobilias, pianos, etc., empresta a juro convencional

A IDEAL, L.da
Rua d'Assumpção, 88-1.º
Telef. N. 5180 LISBOA

SÓ NA
TINTURARIA BRASILEIRA

Rua do Olival, 284, E.. Rua Torre da Polvora, á Pampulha, que se entrega um fato velho e recebe-se um fato novo, lavado e concertado ou virado, pronto para vestir, dos dois sexos.

Tinge-se em todas as côres.—Limpa-se a sêco em seis horas.

OURO
muito mais BARATO
Grande sortimento de cordões, correntes e mais objectos de ouro
SO VENDE BARATO a Ourivesaria
— CORREIA & MOURA —
R. de S. Paulo, 186 — Lisboa
(Proximo á Casa da Moeda)

Caminhos de Ferro Portugueses

Oficinas Gerais

Admissão de pessoal operario

Ferreiros e correeiro

Admitem-se ferreiros com pratica de reparação de molas e um correeiro, para serviço permanente nas oficinas desta Companhia.

Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Gerais em Santa Apolonia

Lisboa, 10 de Dezembro de 1923.

O Director Geral da Companhia,
(a) *F. de Mesquita*

FERREIRA VEIGA
CIRURGIÃO-DENTISTA
DECLARA QUE SE DESLIGOU DE COMPROMISSO POLITICO, TORNANDO-SE INDEPENDENTE
R. EUGENIO DOS SANTOS, 99-1.º E.

PROF. JOAO MANTUA
Contabilidade e
Curso dos Liceus
Rua da Graça, 65-B, 3.º E.
LISBOA

ESTRANGEIRO

INSTALAÇÕES ELECTRICAS
MENDES & PAIXAO L.da
14, RUA DA BOA VISTA, 14

SITUAÇÃO QUE SE AGRAVA

No Afganistan

Uma concentração de tropas

na fronteira

Prepara-se um avanço sobre Kabul

LONDRES, 20

Dizem da fronteira do Afganistan que a situação se agrava devido ás depredações causadas por uma quadrilha de malfeitores que teem o seu quartel general em Sanghu-Fhel no Afganistan e que, estando proximo da fronteira da India, ameaçam a vida e a propriedade dos oficiais ingleses e de suas familias. Estes bandidos já assassinaram o major Fimis, estando o governo anglo-indio disposto a exercer sobre eles a mais severa repressão.

Para esse fim, estão já concentradas na fronteira tropas inglesas e indianas, num efectivo de 15 mil homens, prontas a avançar sobre Kabul e apoderar-se dos assassinos, por cuja captura as autoridades nativas se desinteressaram.—L.

Remedio contra o frio

Que frio! Não sei para onde hei de ir que se esteja confortavelmente.

—Pois não tens muito que pensar. Não ha sitio onde encontres melhor conforto do que no Coliseu dos Recreios. Passa-se ali um bocado de noite deliciosamente e num «á vontade» como em nenhuma outra parte.

—E o que ha por lá agora de novidade?

—O celebre «Bolide Humano» que desde esta noite junta ao seu admiravel trabalho a travessia arriscadissima e emocionante de um circulo em grandes chamas!

—Isso deve ser curiosissimo! Vou lá vê-lo hoje, não faltando ámanhã, é claro, á festa artistica e despedida dos simpaticos «clowns» Irmãos Albano, tanto mais que, ao que ouvi dizer, teem preparados engraçadissimos intermedios comicos.

—Fazes bem porque eu, para não poder faltar, já hoje marquei o respectivo bilhete

—Então lá nos encontraremos.

Nita Ibañez, a eminente estrela do *couplet*, que hoje se despede definitivamente do publico de Lisboa, no Salão Foz, depois de 40 dias de exito.

SOROS
DO
PROF. MARAGLIANO
ANTITOXINAS SOFOS
DEPOSITARIOS
ESTABELECIMENTOS
ALVARO CAMPOS
LISBOA — PORTO

POR ESSE MUNDO

A actualidade internacional

Noticiario telegrafico do dia

Um feixe de informações

A vida cara em Paris PARIS, 20—Alguns milhares de empregados publicos reuniram-se na Opera para solicitar aumentos de ordenados. A' saída houve tumultos, tendo sido presos 77 manifestantes.

O governo francês nomeou uma comissão com plenos poderes para combater energicamente a carestia das subsistencias.—(L.)

Morreu o Raisuli TANGER, 20—Morreu envenenado o celebre chefe mouro Raisuli, o campeão da independencia marroquina. A sua morte cria uma situação um tanto inquietante para a Espanha, em virtude das tendencias da actual dinastia mourisca.—(L.)

O problema da ordem na Baviera MUNICH, 20—Von Kahr declarou que qualquer novo movimento contra o governo será rigorosamente reprimido e que os tribunais marciais têm ordem para condenar á morte ou a trabalhos forçados todos os reus do crime de insurreição.—(R.)

O monopolio do tabaco na Turquia CONSTANTINOPLA, 20—O governo turco, em vista das resoluções do conselho economico e da comissão do orçamento, resolveu acabar com o monopolio do tabaco. A comissão da divida publica favorece esta medida, esperando conseguir impostos importantes com a venda do tabaco.—(R.)

O acordo sobre Tanger LONDRES, 20—O acordo acêrca da questão de Tanger foi assinado em Paris e foi comunicado aos governos da Italia, dos Estados Unidos, da Belgica, de Portugal, da Holanda e da Suecia.—(R.)

A guerra civil no Mexico NEW-YORK, 20.—As noticias do Mexico são absolutamente contraditorias. Ambos os partidos dizem estar vitoriosos. Segundo parece a vitoria está pendente da batalha travada junto de Puebla.

Ao mesmo tempo, porêm, noticia-se que os generaes combatentes das forças rivais, concluiram um armistício.—(L.)

Uma catastrofe tremenda NEW-YORK, 20.—Um novo abalo sismico provocou um tremenda catastrofe na Columbia onde três cidades foram completamente destruidas, sendo incalculavel o numero de vitimas. A falta de medicos torna a situação ainda mais angustiosa e aflitiva.

Segundo um telegrama de Bogota, avalia se em 400 o numero de mortos e em somas incalculaveis o montante dos prejuizos materiais.—(L.)

Hoje --- SÃO LUIZ --- Hoje
ESTREIA em Lisboa da celebre opereta de Franz Lehar com a qual reaparece a actriz AUZENDA D'OLIVEIRA
FRASQUITA
Os bilhetes para o espectaculo do dia 13 são validos para esta noite

Sociedade «Estoril»

Caminhos de Ferro de Cais Sodré a Cascais

LEILAO

Em 28 do corrente ás 11 horas por intermedio do agente Julio Cruz, na Estação do Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 114 da Tarifa Geral, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se portanto os respectivos consignatarios de que poderão ainda retira-los pagando o seu debito á Sociedade Estoril para o que deverão dirigir-se á secretaria, na sua séde Praça Duque da Terceira, 24, 2.º, todos os dias uteis até ao dia 27 do corrente.

Lisboa, 8 de Dezembro de 1923.

O engenheiro director
M. Belo

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO. 140

CHEGARAM
ao
DEPOSITO DA COVILHA
centenas de peças de artigos de lã, para fatos, sobretudos, vestidos e abafos de senhora, para a estação de inverno
VENDAS DA FABRICA AO PUBLICO
Tem habeis alfaiates para exclusivamente servir a sua numerosa clientela, aviamentos escolhidos pelo cliente.
Afiançamos, preços por menos 30 a 40 por cento.
Lãs em fio para malhas
MANDAM AMOSTRAS AO DOMICILIO
ROCIO, 93, 2.º ANDAR
Telefone 4670-N.—Ascensor
Filial, R. do Ouro, 206, 1.º (entrada Loja da America

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.a. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

UMA DINASTIA EM PERIGO

O Rei da Grecia

O monarca não quiz abdicar

como se disse

A França intervirá em seu favor?

PARIS, 20

«Le Matin» diz que a Jugo-Slavia e a Romenia enviaram um insistente apelo ao governo francês para que ele interviesse em favor do rei da Grecia.

O governo revolucionario de Atenas, apoiado por organisações populares e por oficiais do exercito e da marinha, fez, por seu turno, um novo apelo ao sr. Venizelos para que ele regresse á Grecia e assuma a administração do país.

Acredita-se cada vez mais numa proxima proclamação da Republica na Grecia, tendo Venizelos como presidente.

Ao contrario do que se disse, o rei Jorge recusou-se a assinar a abdicação que lhe foi pedida pelo almirante Condouriotis.—(L.)

CINEMA CONDES

As estreias da semana

Muito interessantes e engraçadas as estreias de ontem no Condes. A comedia burlesca «Vamos ás corridas!» pelo popular Cara Linda e o pretinho Africa é uma curiosa e engraçada creação, dando ao mesmo tempo alguns interessantes aspectos das corridas de cavalos em Paris. Hoje repetem-se o 4.º e 5.º episodios de «Vidocq, o Rei dos Policias», que tanto exito teem alcançado, e ámanhã estreia-se o emocionante drama de arte «Depois do Furacão», com uma maravilhosa «mise-en-scéne» e uma explendida interpretação, preparando-se para o Natal e Ano Novo novos programas sensacionais.

Não se esqueçam
de que em todo o Paiz só os fabricantes
Donas, da Covilhã
vendem, directamente ao publico, todas as qualidades de fazendas de lã para
FATOS e VESTIDOS
em todos os padrões e côres por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.
Depositos de vendas a retalho
EM LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
NO PORTO
Rua de Fernandes Thomaz, 392-A

Barreto & Gonçalves
JOALHEIROS
17, Rua Eugenio dos Santos, 17
Queiram V. Ex.as vir admirar o explendido sortimento em joias, pedras preciosas e pratas artisticas
Compra pelo melhor preço, ouro, prata, platina, pedras e joias antigas

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
$/Londres, cheque	1 15/16	1 29/32
$/Paris	1$46,5	1$49,5
$/Madrid	3$70	3$76
$ New-York	28$34	28$81

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
$/Holanda	10$80	10$99
$/Suiça	4$94	5$02,5
$/Brasil	2$70	2$75,5
Libra esterlina	142$00	145$00

A TARDE PARLAMENTAR

UMA SESSÃO AGITADA

Começou a ser discutida a proposta de um emprestimo á provincia de Moçambique

A' hora regimental, ninguem comparece na presidencia para iniciar a chamada. Os monarquicos protestam e o sr. Baltazar Teixeira surge, qual vaporosa visão, na mesa. Mas demora o acto e o sr. Cancela de Abreu bate na carteira, iracundo. Excelentes nervos ao serviço de uma politica morta...

* * *

O governo não virá — garante-se. No entanto, hoje deve discutir-se a proposta de emprestimo de 7 milhões esterlinos para Moçambique, a que os prestamistas londrinos marcaram praso até 31 do corrente, sendo hoje 20 e estando á porta as ferias do Natal. O que interessa muito mais aos parlamentares que a expansão colonial .. Pouco tempo resta, portanto.

Diz-se — e já um jornal refere o caso — que o governo comunicará por intermedio da presidencia a sua concordancia com a proposta do sr. Vicente Ferreira — o Parlamento rubricá-la-ha. . O que motivou este reparo ingenuo a um parlamentar amigo:

— Mas isto é um acto de ditadura covarde!

* * *

Estão 46 deputados e lê se a acta. O sr. Carvalho da Silva protesta, justamente indignado, contra o ataque ao «Correio da Manhã». Diz que estamos no reinado da bomba e do tiro, pedindo providencias. Os colegas encaram-no, muito admirado por o verem ainda tão susceptivel de indignações. Tiros e bombas... Mas se elas é que são a normalidade!

* * *

O sr. Torres Garcia, néo-democratico, pede a votação de um projecto referente a escolas. Mas o sr. Jorge Nunes, em nome dos nacionalistas, declara que o regimento proíbe a votação de quaisquer projectos importando aumento de despesa sem a presença do ministro respectivo...

Em socorro do sr. Torres Garcia, vem o sr. Julio Gonçalves, mas os monarquicos não se conformam e protestam.

—Ha governo?

—Não sabemos nada...

—Que é feito dessa gente?

* * *

O sr. Cunha Leal entra. Todos os olhares se cravam nele. Os democraticos, então, fitam-no com especial interesse.

* * *

O sr. Jorge Nunes volta a demonstrar a ilegitimidade de qualquer votação sem a presença do governo.

O sr. Carlos Pereira, democratico, estabelece doutrina oposta e a gritaria redobra.

* * *

Vae proceder se á votação. A campainha retine nos corredores. Do grupo nacionalista-dissidente não está quasi ninguem. E' claro que, devido ao seu reduzido numero, não origina a sua falta o encerramento da sessão, mas como não se encontram, tambem, muitos democraticos...

* * *

Soa o carrilhão por todo o Congresso e a presidencia, certamente, demora a contagem. Os continuos movem-se, lepidos, á descoberta de parlamentares. Por fim arranja-se numero e vota-se o projecto na generalidade, contra o regimento. Pois se falta o ministro cuja presença é estabelecida por lei!

* * *

O sr. Cancela de Abreu fala do oficio do chefe do governo á Camara, preguntando quando começam as ferias do Natal. Estranha que o ministerio precise de convite ..

E acentua:

—Compreende-se: como o sr. Alvaro de Castro está, ainda, em Avinhão e não arranjou ministro das Finanças... Emfim, começou a ditadura!

* * *

O sr. Carvalho da Silva acentua as razões que acima apresentamos sobre o emprestimo a Moçambique. E pregunta:

—E como pode o governo deixar de vir á Camara, se o praso acaba a 31 deste mês? A Camara não pode deixar de ouvir o governo e v. ex.ª deve comunicar isto ao sr. dr. Alvaro de Castro... O Parlamento não pode ter ferias emquanto o ministerio não comparecer. Estão em jogo altos interesses nacionais, com que se faz politiquice!

Os democraticos protestam contra o sr. Carvalho da Silva, mas este suporta rijamente o vendaval...

* * *

—V. ex.ª convida ou não o governo a comparecer? Tem o telefone... Talvez o sr. Alvaro de Castro se tenha *esqueciao* do emprestimo ..

O presidente permanece insensivel. Entretanto, o sr. Carvalho da Silva continua a falar trocando-se violentos apartes entre as oposições e a maioria.

* * *

—Desprezam-se os interesses da Patria, despreza-se um assunto de vital importancia! E tem o país de assistir, impassivel, ao seu estrangulamento!

Isto clama, indignado, o sr. Carvalho da Silva que adiciona:

— Entretem-se a Camara a votar verba para um edificio escolar e comenta que o governo não compareça, quando ha uma proposta de emprestimo de 7 milhões de libras, que finaliza dentro de uma semana!

* * *

— Não se esqueça, sr. presidente, de comunicar ao sr. Alvaro de Castro, que é absolutamente indispensavel a sua comparencia.

* * *

Fala, agora, o sr. Jorge Nunes, em nome dos nacionalistas: Recorda disposições do regimento, registando o facto de a Camara ter feito uma votação que não está ao seu abrigo, que é ilegal.

Passando a apreciar a ausencia do governo quando é indispensavel a discussão do emprestimo, verbera tal procedimente.

Considerações de genero identico faz o sr. Sousa da Camara.

* * *

O sr. dr. Nuno Simões declara não poder votar o projecto do sr. Torres Garcia, porque qualquer cousa que seja aumentar os encargos do Estado sem que o governo se pronuncie, é fazer obra má.

Tambem o sr. dr. Cancela de Abreu estabeleceu doutrina sobre o mesmo assunto. A despesa do projecto, destinado á construção da Escola Industrial dr. Bernardino Machado, da Figueira da Foz é de 500 contos.

* * *

A bancada ministerial, deserta, tem um aspecto lugubre. Com este é o segundo governo que lhe dá para não vir a S. Bento. Mas o Parlamento é como aqueles sujeitos massadores que encontramos á mesa dos *cafés*:—conversa sempre. Com a diferença de que uns limitam-se a massar o proximo, emquanto que o segundo origina prejuiso mais sensivel...

* * *

Largo cavaco se estabelece na camara. Finalisado, passa-se á ordem do dia. O sr. Cancela de Abreu invoca um paragrafo qualquer cuja consequencia é a contagem. Estridula a campainha, surgem deputados e verificam-se 58 presenças. O projecto sobre a escola da Figueira da Foz fica votado na generalidade. Entretanto, a proposta do emprestimo dos 7 milhões—fica á espera...

* * *

Artigo por artigo, paragrafo por paragrafo, o projectosinho do sr. dr. Torres Garcia é votado na especialidade. Foi adiada a *ordem do dia*, para entreter o pensamento e a debilidade em tal trabalho de paciencia.

* * *

Começa a discutir-se, finalmente, o emprestimo a Moçambique. E' o sr. Rodrigues Gaspar quem requer a sua entrada em discussão.

O sr. Cancela de Abreu:

—Mas sem o governo presente!

* * *

Vota-se um voto de sentimento pelo falecimento do sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes.

Vai votar-se o requerimento do sr. Rodrigues Gaspar. Varios parlamentares pedem a palavra.

O primeiro a fazer dela uso é o sr. Carvalho da Silva. Acentua a importancia do emprestimo, critica severamente o procedimento do governo e afirma a sua discordancia com o requerimento do sr. Rodrigues Gaspar.

Através do seu discurso, colheu fartos apoiados.

* * *

Entretanto o sr. Carvalho da Silva demonstra, á face do regimento, que o requerimento Rodrigues Gaspar é ilegal.

* * *

O sr. Nuno Simões capitula a critica do sr. Carvalho da Silva de justissima. Traça o quadro da situação de Moçambique e diz que o Parlamento não pode abstrair a presença do sr. ministro das Colonias. A questão interessa todo o país, podendo assumir a mais tremenda responsabilidade.

Na opinião do orador, o requerimento do sr. Rodrigues Gaspar foi feito contra a consciencia e a honradez de s. ex.ª. Essa proposta pode, de um instante para o outro, fazer perder Moçambique! O emprestimo em si, pode constituir uma vitoria para os seus negociadores. Mas a sua execução, não existindo um plano de fomento, pode constituir o peor dos males.

* * *

Veementemente, apura o sr. Nuno Simões:

—Larga e ponderadamente temos de discutir este projecto. Sem a presença do sr. dr. Alvaro de Castro, estou disposto, e julgo que a Camara nisso me acompanha, a impedir toda a discussão!

* * *

—Fixaram um prazo até 31 deste mês. E eu pregunto se a Republica Portuguesa anda á ordem dos prestamistas ingleses! Depende a actividade do Parlamento de uma assembleia da Companhia Nacional de Navegação! Não fujamos de um perigo para cair noutro. D. emprestimo póde resultar a total perdição de Moçambique! —E neste teor prossegue o ilustre director de «A Patria» as suas patrioticas considerações.

* * *

Concluindo o discurso do sr. Nuno Simões, que produziu grande impressão na Camara, começou a falar o sr. Cunha Leal, na qualidade de «leader» nacionalista. Declarou que o seu partido, numa questão de gravissimo caracter nacional como a de Moçambique, não levantaria quaisquer dificuldades. E, registando a auzencia do governo, valendo-se de um precedente, sugeriu a apresentação dele apenas para tratar da proposta de emprestimo, adiando-se para depois o debate politico.

Garantiu ainda que a minoria nacionalista, não fazendo obstrucionismo, não se dispensa de tratar largamente o assunto, tão estreitamente relacionado com a nossa soberania em Moçambique.

A certa altura proferiu a seguinte frase:

—Emquanto «esta coisa» funcionar, é claro que não desobedeceremos ás praxes regimentais...

O sr. Cunha Leal prosseguiu no seu discurso, que ainda não concluiu á hora em que escrevemos.

* * *

A' hora de encerramos o extracto, está falando o sr. Jorge Nunes, nacionalista. Do seu discurso destacam-se as seguintes frases:

—E procedem assim, os amigos da Constituição... O governo deserta, naturalmente porque o sr. dr. Alvaro de Castro se entretem a acabar a ceifa da «Seara»...

—E' simplesmente fantastico o que se está fazendo! A maioria democratica, singularmente benevola, dá ao governo o apoio do seu silencio absoluto. Abre-se, assim, a falencia...

O dr. Paulo Menano abandona o seu logar

O sr. dr. Paulo Menano, que exerceu com distinção o cargo de director da Policia de Investigação, despediu-se hoje de todo o pessoal que trabalhava sob as suas ordens, em consequencia de ter pedido a sua demissão, que foi aceite pelo actual ministro do Interior.

O sr. dr. Paulo Menano, teve a gentileza de se despedir de todos os representantes da imprena que fazem serviço no Governo Civil, a quem pediu para serem interpretes, junto dos directores, dos seus agradecimentos pela coadjuvação que lhe deram durante o tempo em que exerceu aquele cargo.

Selos da Assistencia

E' obrigatorio o Selo da Assistencia, de 1 centavo, nas correspondencias a expedir para o continente e ilhas nos dias 24, 25, 26 e 30 do corrente, 1 e 2 de Janeiro.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Incendio violento

A' hora de fecharmos o nosso jornal rebentou um violento incendio no Mercado da Rua 24 de Julho.

CONSELHO DE MINISTROS

O conselho de ministros voltou a reunir-se hoje, ao fim da tarde, na secretaria das Colonias, para continuação dos trabalhos da sessão de ontem.

DE LUTO

Ana Viegas Pires

Passando no dia 22 o primeiro aniversario da morte da sr.ª D. Ana Viegas Pires, seu filho Vasco Viegas Pires, 3.º oficial do ministerio da Agricultura, manda resar por esse motivo, na Igreja de S. Nicolau, pelas 10 horas de ámanhã, uma missa sufragando a sua alma.

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO

COM AGENTES NO BRASIL

Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.

MUDOU-SE para a R. DOS FANQUEIROS, 114